

BRASIL E AUSTRÁLIA Dados são de pesquisa realizada pela agrônoma Ariane de Oliveira, da Esalq, sobre produção de cana-de-açúcar

Clima diferencia práticas agrícolas

PAOLA RIBEIRO
paola@jppjournal.com.br

Os sistemas de produção dos fornecedores de cana-de-açúcar da Austrália e Brasil mostram diferenças significativas nos métodos de manejo das lavouras, em razão, sobretudo, do clima. A constatação faz parte da pesquisa da engenheira agrônoma Ariane Ludolf de Oliveira, desenvolvida em um programa de intercâmbio entre a Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), a Universidade de Queensland e a associação de produtores de cana-de-açúcar australiana Canegrowes.

De acordo com Ariane, a realidade dos fornecedores australianos é caracterizada por extremos pluviométricos e carência de mão-de-obra. "O desenvolvimento da produção de cana na Austrália está fundamentado nas competências locais em pesquisa e tecnologia", afirma a pesquisadora, acrescentando que os canais naquela país contam com sistemas de irrigação, tendo em vista que as chuvas se concentram nos meses de Verão, com a seca predominando durante o restante do ano. O período de safra australiano inicia na segunda quinzena de junho, alongando-se até o fim de outubro, sendo, portanto, reduzido em rela-



Na Austrália, o transporte de cana-de-açúcar é por meio ferroviário

ção à safra brasileira que se estende de abril a novembro".

A escassez de mão-de-obra e o consequente elevado custo na contratação, por sua vez, refletem na alta mecanização da produção de cana australiana quando comparada com as práticas dos fornecedores brasileiros. "Todas as etapas de plantio, manejo e colheita da matéria-prima são feitas mecanicamente, sendo necessário apenas um trabalhador por 250 hectares de produção (no Brasil, o número de trabalhadores é muito maior). O alto custo de mão-de-obra na Austrália, por sua vez, incentiva a ocorrência de funcionários fixos especializados responsáveis tanto pelas operações produtivas como pelo gerenciamento e administração da propriedade", aponta Ariane.

**Alta
mecanização
é destaque
da produção
australiana**

Em relação ao transporte utilizado, também há diferenças entre os dois países. "O caminhão é pouco intensivo no Estado de Queensland e atua no apoio do

Estudo foi feito em Proserpine

O intercâmbio realizado pela engenheira agrônoma Ariane Ludolf de Oliveira é uma iniciativa do Pecege (Programa de Educação Continuada em Economia e Gestão de Empresas) e Rex Consulting, com apoio do Grupo de Pesquisa e Extensão em Logística Agroindustrial, da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz). Segundo o responsável pelo programa, Carlos Eduardo Osório Xavier, o objetivo é promover pesquisas e discussões sobre aspectos relevantes da produção sucroenergética no Brasil e Austrália, de forma a produzir informações e formar profissionais para o setor de ambos os países.

O estágio profissionalizante de Ariane foi realizado, entre março e junho de 2010, na cidade de Proserpine, no Estado de Queensland, responsável por aproximadamente 95% da produção do país.

Durante as quatro visitas feitas a fazendas do município, a pesquisadora descreveu as operações na produção de cana e seus principais indicadores técnicos e econômicos. Questionários foram aplicados com produtores nas cidades de Proserpine, na Austrália e, no Brasil, em Lençóis Paulista (SP) e Araçatuba (SP). "Dessa forma, foram listadas e comparadas as práticas de produção, doenças,

operações agrícolas e insumos utilizados (nomes comerciais e taxas de aplicação) por produtores de ambos os países", explica Ariane.

O detalhamento dos aspectos econômicos foi realizado via aplicação do questionário de levantamento de custos de produção desenvolvido pelo Pecege com o apoio da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil). Esse questionário foi aplicado com os produtores da associação de fornecedores de cana-de-açúcar de Piracicaba, cidade escolhida pela semelhança do perfil de produtores com o verificado em Proserpine. (Paola Ribeiro)

transporte ferroviário, inexistente no Brasil. Em termos gerais, os canais australianos requerem investimentos parecidos com os encontrados no Brasil. "Para o investimento de um canal australianos, os fatores mais relevantes são mão-de-obra (remuneração extremamente maior, se comparada com a realidade brasileira), insumos e ad-

ministração (gastos relativos à irrigação e gerenciamento das fazendas). Por outro lado, os custos relativos ao maquinário australianos são reduzidos, pois a compra de máquinas e implementos agrícolas é facilitada pelo governo. E, finalmente, a remuneração por tonelada de cana entregue nas usinas australianas é maior, tornando a rentabilidade

de australianos por área de cultivo maior do que a brasileira", descreve a pesquisadora.

Segundo Ariane, o desafio dos fornecedores brasileiros é, portanto, seguir os bons exemplos australianos na mecanização das atividades agrícolas, técnicas de gerenciamento e pesquisa de forma a aumentar a produtividade e reduzir custos, entre outros fatores.